



TEUN A. VAN DIJK

DISCURSO
E
CONTEXTO

Uma abordagem sociocognitiva

Tradução de
Rodolfo Ilari

Copyright © 2011 do Autor

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Foto de capa
Jaime Pinsky

Montagem de capa e diagramação
Gustavo S. Vilas Boas

Preparação de textos
Lilian Aquino

Revisão
Daniela Marini Iwamoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dijk, Teun A. van
Discurso e contexto : uma abordagem sociocognitiva / Teun A.
van Dijk; tradutor Rodolfo Ilari. – 1. ed., 1ª reimpressão. –
São Paulo : Contexto, 2017.

Título original: Discourse and context :
a sociocognitive approach.
Bibliografia.
ISBN 978-85-7244-693-8

1. Análise do discurso – Aspectos sociais 2. Cognição
3. Comunicação – Aspectos sociais 4. Contexto (Linguística)
I. Título.

11-13844

CDD-401.41

Índice para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso : Comunicação : Linguagem 401.41

2017

EDITORIA CONTEXTO
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa
05083-030 – São Paulo – SP
PABX: (11) 3832 5838
contexto@editoracontexto.com.br
www.editoracontexto.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	7
Rumo a uma teoria do contexto.....	15
Contexto e linguagem.....	51
Contexto e cognição.....	87
Contexto e discurso.....	159
Conclusões.....	299
Bibliografia.....	311
O autor.....	331
O tradutor.....	333

PREFÁCIO

Trinta anos atrás, escrevi um livro chamado *Text and Context*. Esse livro trata de maneira ampla e bastante formal de texto, mas trata muito menos de contexto - uma noção que é de importância crucial para explicar como o discurso se insere na sociedade. Nos meus trabalhos mais recentes de Estudos do Discurso Críticos, versando por exemplo sobre racismo, ideologia e discurso, o contexto é muito frequentemente tratado como algo que serve de pano de fundo social ao discurso, mas que é muito pouco ou nada analisado em termos teóricos.

Tradicionalmente, no estudo da língua e do discurso, o contexto é concebido em termos de variáveis sociais independentes, como o gênero, a classe, a etnia e a idade, quando não em termos de condições sociais do texto e da fala. Os estudos da *indicialidade* definem os contextos de preferência em termos *semânticos*, por exemplo como referentes para as expressões dêiticas, mas a maior parte desse trabalho fica limitada às orientações espaciais ou temporais dos participantes.

As *teorias dos atos de fala* deram conta formalmente de algumas das propriedades dos Falantes e dos Ouvintes, como seus conhecimentos, seus desejos ou seu *status*, visando formular condições de adequação, mas não avançaram ulteriormente na análise dessas condições contextuais.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) se interessa crucialmente pelas condições sociais do discurso, e especialmente por questões de poder e abuso de poder, mas também não conseguiu desenvolver teorias do contexto mais específicas, como fundamento para seu próprio empreendimento crítico. Obviamente, o poder não se mostra apenas em alguns dos aspectos do 'discurso do poder' ['powerful speech'], de modo que precisamos ter acesso ao contexto como um todo e em toda a sua complexidade, para entender de que modo o

poder se relaciona com o texto e com a fala e, mais geralmente, de que modo o discurso reproduz a estrutura social.

Tanto a *Psicologia Cognitiva* do discurso quanto a *Inteligência Artificial* avançaram muito nas últimas décadas na exploração dos processos e das representações envolvidas na produção e compreensão do discurso. Elas proporcionaram *insights* sobre o papel fundamental dos modelos mentais e do conhecimento que diz respeito ao processamento e ao uso do discurso. Mas esses modelos continuavam sendo semânticos, não pragmáticos. Deixando de lado alguns estudos experimentais sobre diferenças individuais ou sobre objetivos diferentes, pouca pesquisa empírica sistemática foi feita sobre a influência do contexto no processamento do discurso.

A Psicologia Social é uma das poucas disciplinas que produziram ideias sobre estruturas de situações e de episódios que se prestam a ser usadas como propostas capazes de fundamentar uma teoria do contexto, mas essas ideias não foram concebidas como uma teoria do contexto para o discurso. Na verdade, *excetuando a Psicologia Discursiva*, o estudo do discurso nas orientações predominantes da Psicologia Social ainda é bastante marginal.

Se há uma disciplina que deveria proporcionar *insights* sobre a natureza dos contextos e sua influência no discurso, essa disciplina é a Sociologia. Mas, ironicamente, a principal contribuição que a Sociologia deu à análise do discurso foi a análise da *conversação*, que, pelo menos em seus primeiros momentos, foi ainda mais descontextualizada do que a maioria dos trabalhos em análise do discurso – na medida em que enfocou mais as estruturas da interação do que o entorno, os agentes e suas propriedades. Note-se, porém, que nas primeiras décadas, houve tentativas esporádicas de definir situações sociais na Sociologia, culminando especialmente na obra de Erving Goffman, que talvez seja o sociólogo que mais contribuiu para a nossa compreensão de como a interação e a fala são situadas.

A Antropologia e, especialmente, a *Etnografia da Fala* e a *Antropologia Linguística* são as únicas orientações de pesquisa que, até o momento, deram atenção por um período de décadas ao estudo do contexto como um componente óbvio dos “eventos comunicativos”, começando pela conhecida grade SPEAKING, de Dell Hymes nos anos 1960. A isso se relacionam os estudos etnográficos feitos na área da *Sociolinguística Interacional* por John Gumperz e outros, sobre aquilo que chamaram de ‘contextualização’. Até hoje, essas são também as poucas abordagens que produziram (publicaram) livros sobre contexto e contextualização.

Podemos concluir a partir desse brevíssimo resumo que, na maioria das disciplinas humanísticas e sociológicas, há um interesse crescente no estudo do contexto, mas um interesse que ainda carece de foco.

Há milhares de livros, em muitas disciplinas, em cujos títulos aparece a palavra 'contexto', mas a grande maioria desses estudos usam a palavra informalmente, como 'ambiente circunstante', 'condições', 'situação' ou 'pano de fundo' de caráter social, político, geográfico ou econômico, mas quase nunca no sentido específico de 'contexto do texto ou da conversa'.

São poucos os livros em Linguística, nos estudos sobre discurso e nas Ciências Sociais que usam a noção de contexto em termos de restrições ao discurso e consequências do discurso, mas a maioria desses estudos enfocam especificamente o discurso, e não a natureza complexa de seus contextos. Isso, evidentemente, não causa surpresa, porque a noção mesma de 'contexto' implica uma definição relativa a 'texto', e nesse caso o 'texto' (ou a conversa) é o fenômeno focal. Ou seja, em geral, os contextos só são levados em conta com o fim de compreender ou analisar melhor o discurso. Se assim não fosse, o estudo do 'contexto' seria mera Psicologia, Sociologia ou Antropologia das circunstâncias, dos agentes sociais e de suas propriedades, bem como seus processos cognitivos, suas atividades, interações práticas sociais e organizações.

Está na hora de levar os contextos a sério, desenvolvendo teorias explícitas a respeito deles e da maneira como se entende que se relacionam ao discurso e à comunicação. Este livro, da mesma forma que *Society in Discourse* (Van Dijk, 2008), no qual eu exploro o estudo do contexto nas Ciências Sociais, é uma tentativa de desenvolver precisamente uma teoria desse tipo. Para tanto, examina (o uso da) noção de contexto e seus possíveis componentes em Linguística, Sociolinguística e Psicologia Cognitiva. *Society in Discourse* estende essa exploração teórica no que diz respeito à Psicologia Social, à Sociologia e à Antropologia, estudos aos quais se fará frequentemente referência no presente volume. Embora tenham uma relação íntima enquanto estudos abrangentes do contexto, os dois livros podem ser lidos como estudos independentes – já que este visa em grande medida leitores interessados em (Socio)linguística e Psicologia Cognitiva, ao passo que o outro visa leitores interessados em Psicologia Social, Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Naturalmente, torço para que os leitores deste volume leiam também o outro estudo sobre contexto nas Ciências Sociais, dada a relação óbvia entre contextos sociais do discurso e o estudo das situações e interações comunicativas nas Ciências Sociais.

Este livro é o primeiro inteiramente dedicado à noção de contexto e, portanto, deve ser encarado como um estudo de caráter exploratório. É um estudo teórico, inspirado por ideias e desenvolvimentos ocorridos na Linguística, na Sociolinguística e na Psicologia Cognitiva. Resenharei um grande número de estudos empíricos, mas em compensação não terei para relatar nenhum estudo ou experimento etnográfico novo sobre contexto. Ao invés disso, pelo livro afora, ilustrarei a teoria exemplificando-a por meio de um dos mais influentes discursos dos últimos anos: o debate sobre o Iraque na Câmara dos Comuns Britânica. Em seu discurso pronunciado nesse debate, Tony Blair apresentou e defendeu uma moção que visava legitimar a Guerra contra o Iraque – uma guerra da qual conhecemos as trágicas consequências.

Esse discurso, e os que foram apresentados em seguida por outros Membros do Parlamento, proporcionam muitos exemplos de como uma abordagem descontextualizada do estudo do discurso e da conversação sofre de limitações e leva a descrições superficiais, formalistas e às vezes triviais, que ficam seriamente abaixo de uma análise do discurso, já que o discurso está profundamente imerso na vida social e política.

Como, intuitivamente, quase tudo pode tornar-se relevante para o discurso – mesmo que considerássemos apenas os assuntos de que falamos, ou a infinidade de situações em que podemos falar –, uma teoria do contexto corre o risco de tornar-se uma Teoria de Tudo. É portanto crucial definir no sentido literal do termo, isto é, delimitar, algo que de outro modo poderia vir a abarcar uma larga parte da sociedade. Na verdade, não há exagero em pensar que o discurso de Tony Blair precisa ser compreendido não só como o de um primeiro-ministro que se dirige aos Membros do Parlamento – MPs daqui em diante – (e à nação, e ao mundo) no contexto de um debate parlamentar na Câmara dos Comuns Britânica no dia 18 de março de 2003, mas também como parte da política externa do Reino Unido, das relações com os Estados Unidos da América e com a União Europeia, como parte da questão do Oriente Médio e assim por diante.

A menos que queiramos perder-nos em infinitos contextos, precisamos concluir que nem tudo aquilo que pode ser compreendido de algum modo como ‘pano de fundo’ do discurso é necessariamente parte de seu ‘contexto’, quando este é definido em termos mais estritos e teóricos. O contexto tem base no conhecimento do mundo, mas não é a mesma coisa que o conhecimento do mundo. Portanto, desenvolver uma teoria do contexto significa antes de mais nada selecionar aqueles elementos de uma situação comunicativa que

são sistematicamente relevantes para a fala e o texto. Isso significa que precisamos examinar, em primeiro lugar, como essas situações vêm sendo definidas em Linguística, Sociolinguística, Psicologia Cognitiva e Social, Sociologia e Antropologia – e somente em seguida imaginar critérios sobre aquilo que cabe ou não incluir na teoria do contexto.

Este livro não se limita a explorar e resenhar uma grande quantidade de trabalhos mais antigos. Também apresenta e defende uma tese teórica que pode ser óbvia (pelo menos para os psicólogos e para alguns sociólogos antigos de formação fenomenológica), mas que não tem visibilidade na maioria das Ciências Sociais do momento e das várias abordagens do discurso e da comunicação. Esta tese é muito simples, mas é crucial para a compreensão do que é o contexto e de como se relaciona com o discurso: *Não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele) mas a maneira como os participantes definem essa situação.*

Portanto, os contextos não são um tipo de condição objetiva ou de causa direta, mas antes construtos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos e comunidades. Se os contextos fossem condições ou restrições sociais objetivas, todas as pessoas que estão na mesma situação social fariam do mesmo modo. Portanto a teoria precisa evitar ao mesmo tempo o positivismo social, o realismo social e o determinismo social: os contextos são construtos dos participantes. Essa é também a razão pela qual a principal hipótese da teoria do contexto é uma hipótese sociocognitiva, e este livro pode ser definido como uma perspectiva sociocognitiva sobre o estudo do contexto, no âmbito de uma abordagem multidisciplinar mais ampla.

A tese de que os contextos são construtos subjetivos dos participantes também dá conta da unicidade de cada texto ou conversa (ou de seus fragmentos), bem como da base comum e das representações sociais compartilhadas pelos falantes, na medida em que são aplicadas em sua definição da situação que chamamos de contexto.

Veremos que a Psicologia tem uma noção muito útil que dá à teoria um fundamento cognitivo sólido, a saber, a noção de *modelo mental*. Ou seja, enquanto interpretações subjetivas das situações comunicativas, os contextos serão definidos como *modelos de contextos*. Vejamos o que esses modelos de contextos fazem (ou precisam fazer):

- controlam o modo como os participantes produzem e interpretam o discurso;

- habilitam os participantes a adaptar o discurso ou suas interpretações à situação comunicativa de acordo com a relevância para eles a cada momento da interação ou comunicação;
- proporcionam o elo cognitivo crucial que falta, na teoria cognitiva do processamento textual, entre os modelos mentais dos eventos de que se fala (referência), e o modo como o discurso é efetivamente formulado;
- definem as condições de adequação do discurso e, portanto, a base de uma teoria da pragmática;
- são a base de uma teoria do estilo, do gênero textual, do registro e, em geral, de qualquer variação discursiva; são o elo faltante entre o discurso e a sociedade, entre o pessoal e o social e entre a organização em níveis e a estrutura, e portanto confirmam que o conhecido problema do micro e do macro pode (também) ser formulado nesses termos, pelo menos para o domínio fundamental da língua e da comunicação. Para a Linguística e as gramáticas (formais), os modelos de contexto podem ser (e parcialmente têm sido) formalizados de maneiras que vão além da semântica referencial dos dêiticos;
- permitirão que a investigação sociolinguística continue a desenvolver-se mais explicitamente, alcançando áreas que ficam além do estudo das correlações com variáveis sociais, dando, ao mesmo tempo, mais atenção à influência social sobre as estruturas discursivas;
- tornam explícitas algumas noções sociológicas antigas, mas ainda relevantes, tais como a noção de definição da situação, que também promete ser aplicável nas análises da conversação e interação;
- eles mostram como o contexto também pode controlar aspectos do texto e da conversação que são relevantes para os participantes, mas não são observáveis;
- eles reformulam quadros mais antigos em Antropologia para o estudo dos eventos comunicativos;
- finalmente, como também se mostrará pela análise contextual e crítica do discurso de Tony Blair e das outras intervenções no debate sobre o Iraque, um tratamento mais sistemático do contexto inclui-se entre os fundamentos dos Estudos do Discurso Críticos, o mesmo ocorrendo para todas as abordagens do discurso de tipo mais sociopolítico.

Como a teoria é apenas fragmentária, este livro também pretende ser um estímulo para mais pesquisa. Trata de numerosos problemas que necessitam de

mais elaboração teórica, mais experimentos psicológicos, mais descrição etnográfica e mais análise de discurso feita em detalhe. A influência do contexto é muitas vezes sutil, indireta, complexa, confusa e contraditória, com resultados bem distantes dos efeitos óbvios das variáveis sociais independentes.

Os contextos são como as outras experiências humanas – a todo momento e em toda situação, tais experiências definem como vemos a situação presente e como agimos nela. É uma tarefa fundamental para os estudos humanísticos e para as Ciências Sociais em geral, e para os estudos discursivos em particular, mostrar de maneira exata como nosso texto e nossa fala dependem dos contextos – e como os influenciam.

Mais do que qualquer outro livro de minha autoria, escrever meus dois livros sobre contexto foi um esforço terrível de vários anos. Embora produzir teoria (e analisar exemplos interessantes) possa ser divertido, quem o faz pode às vezes cair em desespero, por causa da complexidade das questões envolvidas. Se idealizamos uma teoria geral do contexto e de sua relação com o discurso, não podemos limitar-nos a um estudo focal, digamos, dos pronomes, da troca de turno ou da metáfora (cada um desses tópicos já é em si mesmo uma área de estudos enorme). É preciso considerar, por um lado, quase todos os aspectos das situações sociais e, por outro, todas as estruturas variáveis do uso da língua e do discurso. E não admira que tenha levado anos até que consegui ter controle sobre os principais problemas envolvidos! Não admira que este estudo, apesar das drásticas limitações que me impus, foi crescendo até alcançar seu tamanho atual, de duas monografias independentes mas relacionadas! E ainda tenho a desagradável sensação de ter apenas arranhado a superfície – a mesma sensação que eu tinha sobre minha compreensão do discurso quando escrevi *Text and Context*, três décadas atrás.

Espero, portanto, que apesar das óbvias imperfeições e lacunas de meus livros, outros aceitarão o desafio e desenvolverão mais e mais o campo dos *estudos do contexto*, como uma das principais áreas dos estudos discursivos em todas as disciplinas de estudos humanísticos e Ciências Sociais.

Comentários críticos e sugestões são, como sempre, bem-vindos.

Novembro de 2007

Teun A. van Dijk
Universidade Pompeu Fabra, Barcelona

Gostaria de agradecer os comentários críticos e as sugestões de alguns dos meus colegas mais eminentes.

Fico grato, antes de mais nada, a Ronald Macaulay por ter lido e comentado de maneira generosa e minuciosa o capítulo sobre contexto e discurso. Ele está entre os sociolinguistas que ressaltaram que a Sociolinguística não precisa restringir-se ao estudo da variação do *-r* pós-vocálico, mas deve, ao contrário, comprometer-se a estudar, de maneira muito mais ampla, como o discurso pode variar em situações sociais. Walter Kintsch, Art Graesser, Rolf Zwaan e Celso Álvarez-Cáccamo leram criticamente o capítulo sobre cognição, e eu devo a eles muitas correções, sugestões e referências. Sou grato a Michelle Lazar por sua leitura crítica do capítulo "Contexto e discurso". Concordo por completo com sua ideia de que também as pesquisas mais antigas deveriam sempre ser contextualizadas, especificando-se onde, quando e a que assuntos se aplicam. Julgo-me feliz por ter contado com a opinião especializada de Theo van Leeuwen a propósito do capítulo sobre linguagem e contexto. Tenho uma grande dívida com Anita Fetzer, organizadora e autora de livros sobre contexto, que leu criticamente o manuscrito inteiro: muitas coisas de que eu não trato aqui (adequação, Grice etc.) são tratadas em seu próprio livro. Barbara Tversky e Bridgette Martin mandaram-me estudos cognitivos pertinentes sobre a estrutura da experiência e sobre a compreensão dos eventos. Finalmente, agradeço as pessoas que resenharam anonimamente este livro.